

O conceito de estrutura em Dilthey

Frithjof Rodi

Tradução: Prof^a Dr^a MARIA NAZARÉ DE CAMARGO PACHECO AMARAL, do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

"Estrutura é tudo"
(Dilthey, G.S., XIX, 446)

Desde os anos 60, tornou-se difícil falar sobre "estrutura" sem evocar associações com a vanguarda parisiense daqueles anos. Omite-se com frequência que no século XIX e princípio do século XX a palavra estrutura nem sempre se refere fundamentalmente a relações e sistemas estáticos que – como princípios orientadores do comportamento – podiam ser escavados arqueologicamente dos recônditos da inconsciência. No século XIX e no princípio do século XX, "estrutura" era a palavra usada para as entidades vivas que podiam ser compreendidas como significativas em virtude de sua teleologia imanente. Deste modo, o organismo e a mente humana constituíam dois campos em que nós encontramos aplicações primitivas do termo "estrutura". Já em 1699, Shaftesbury falou da "estrutura unificada e da tecitura da mente"¹. Caspar Friedrich Wolff² (1734-1794), um biólogo que combateu a teoria mecanicista da "evolução" de seu tempo, usou a forma germânica "Struktur" que era naquele tempo incomum na língua alemã. Ele falou da estrutura "interna" ou "orgânica" do organismo, por meio da qual ele exprimia o resultado do processo de diferenciação na natureza.

Em um ensaio recente, Elmar Holenstein mostrou que Roman Jakobson, um dos fundadores do estruturalismo lingüístico e até certo ponto antagonista do conceito estático de "estrutura" derivado da teoria lingüística de Saussure, foi influenciado pelo biólogo Karl Ernst von Baer (1792-1876), que tinha sido um seguidor de Wolff³. Ambos, Wolff e von Baer, ensinaram na Rússia. Jakobson não somente se referiu a essa tradição em um ensaio "sobre as pressuposições atuais do estudo eslavo na Rússia"⁴, mas aplicou repetidamente o princípio de von Baer da "diferenciação interna" ao seu próprio enfoque holístico, especialmente ao problema do desenvolvimento ontogenético da linguagem da criança⁵. Deste modo, nós podemos dizer que o estruturalismo do século XX em seu estágio inicial tem uma de suas raízes em certos conceitos holísticos da biologia, que tenta compreender o problema do desenvolvimento e da evolução por meio da idéia de que desenvolvimento orgânico significa submissão a um processo de diferenciação, isto é, um progresso de um estado de homogeneidade a um estado de heterogeneidade.

É bom lembrar que, por meio de uma via completamente diferente, o conceito de "estrutura" juntamente com a idéia de diferenciação estrutural foi transmitido à mais recente filosofia das ciências humanas, especialmente à sociologia. Herbert Spencer fez do princípio de diferenciação uma lei universal de evolução que devia governar tanto a natureza quanto o mundo histórico-social. Em sua autobiografia⁶, ele nos diz como deparou com a "lei" de von Baer quando teve que revisar os *Princípios de fisiologia*, geral e comparada, de Carpenter para a Revista de Westminster em 1851. Em seu ensaio sobre "Progresso: sua lei e causa"⁷, de 1857, ele escreve: "O progresso que organismos individuais revelam em seu curso de evolução é uma questão que tem sido respondida pelos alemães. As investigações de Wolff, Goethe e von Baer estabeleceram a verdade de que as séries de mudanças, sofridas durante o desenvolvimento de uma semente em árvore, ou de um ovo em um animal, constituem um progresso da homogeneidade da estrutura a heterogeneidade da estrutura. ... está fora de discussão que o progresso orgânico consiste em uma mudança do homogêneo ao heterogêneo". O sistema completo de Spencer está baseado na idéia "de que essa lei do progresso orgânico é a lei de todo o progresso. ... Das primeiras prová-

Frithjof Rodi é professor de Filosofia da Ruhr-Universität Bochum. Publicações: *Morphologie und Hermeneutik. Zur Methode von Diltheys Ästhetik* (1969); *Provokation-Affirmation. Das Dilemma des kritischen Humanismus* (1970). Editor-responsável do *Dilthey-Jahrbuch für Philosophie und Geschichte der Geisteswissenschaften* desde 1983. Conjuntamente com Helmut Johach, editor do volume XVIII (1977) e volume XIX (1982) das Obras Completas de Dilthey.

(1) Cf. Anthony Ashley Cooper, Third Earl of Shaftesbury, *Characteristics of Men, Manners, Opinions, Times*, London: 1711, vol. 2, p. 174. Shaftesbury também compara "a ordem da natureza na formação e estrutura de animais" com a "constituição interna", a "estrutura interna" da mente (*Ibid.*, p. 134). O Sermão de Theocles nos "Moralistas" começa com uma censura: o amigo que "pode mostrar a estrutura de cada planta e corpo animal" deveria ser "um melhor juiz para a estrutura das coisas em geral", a saber, para "a mesma consistência e uniformidade no universo". *Characteristics*, vol. 3, p. 283.

(2) Caspar Friedrich Wolff – para não ser confundido com o racionalista Christian Wolff (1679-1754) – publicou sua dissertação, *Theoria Generationis*, em 1759. A versão alemã, *Theorie von der Generation in zwei Abhandlungen erklärt und bewiesen* (1764) foi reimpressa (Hildesheim 1966) com introdução de R. Herrlinger. Wolff usa "estrutura" especialmente pp. 27-29.

(3) Elmar Holenstein: "Die russische ideologische Tradition und die deutsche Romantik" in: Roman Jakobson, Hans-Georg Gadamer, Elmar Holenstein, *Das Erbe Hegels II*. Frankfurt a. M. (Suhrkamp), 1984.

(4) "Über die heutigen Voraussetzungen der russischen Slavistik" in *Slavische Rundschau* 1 (1929), pp. 629-646.

(5) Cf. Holenstein, *Ibid.*, p. 75.

(6) Herbert Spencer, *An Autobiography*, 2 vols. (New York: D. Appleton and Co., 1904), 2: 445-46.

(7) Herbert Spencer, *Essays, scientific, political, and speculative*, Vol. 1, London: 1868, p. 2.

veis mudanças cósmicas aos últimos efeitos da civilização, nós constataremos que a transformação do homogêneo ao heterogêneo é aquela em que consiste essencialmente o progresso" (ibid.). Em seus *Primeiros princípios*⁸, ele refere repetidamente os "fisiologistas alemães" (Seções 119, 126) cuja "lei do desenvolvimento orgânico" ele transformou em lei universal. É essa referência que nós encontramos repetida no livro de Th. Ribot, *A psicologia inglesa contemporânea*: "Os fisiologistas alemães estabeleceram muito bem que, nos organismos individuais, o progresso consiste na passagem de uma estrutura homogênea a uma estrutura heterogênea"⁹. Dilthey conecta essa referência que ele cita de Ribot com sua tentativa de separar as diferentes tarefas da antropologia, psicologia e história¹⁰. Ele não está, todavia, de acordo com Spencer, quando ele se refere à "lei" do fisiologista. Pelo contrário, ele acha que "toda a teoria de Spencer coloca a verdadeira relação de cabeça para baixo". Apesar disso ele se apropria do termo e incorpora o conceito de diferenciação estrutural a sua própria teoria. O modo como ele faz isso lança luz em seus conceitos fundamentais e por isso merece posterior investigação.

II

No momento (cerca de 1880) em que Dilthey deparou com o conceito de diferenciação estrutural do fisiologista, ele tinha feito pouco ou nenhum uso da palavra "estrutura". Seus conceitos antropológicos e psicológicos, contudo, eram tais que o termo "estrutura" dava a impressão de estar sendo meramente substituído por alguns sinônimos alemães, tais como "disposição" ou "articulação". Seu trabalho preparatório para sua obra-prima, *Introdução às ciências do espírito* (1883), mostra quão próximo ele havia chegado nessa época do ponto de vista que, alguns anos depois, é caracterizado claramente pelo uso de análise e descrição "estruturais". Considerando que a *Introdução às ciências do espírito*, conforme Dilthey a publicou em 1883, não continha muitas dessas idéias, as primeiras partes – escritas durante seus anos em Breslau e por isso denominadas de "Esboços de Breslau" (G.S., XIX, 58 e ss.) – mostram como o conceito "estrutura" foi incorporado.

Especialmente o Capítulo 6 dos "Esboços de Breslau" pode servir como ilustração. O título, "A articulação dos fatos da consciência", indica que Dilthey extrai aqui algumas conseqüências daquilo que ele chamou de Segundo princípio básico da filosofia. O primeiro havia sido: tudo que me é dado na experiência interna e externa apresenta-se somente lá para mim como nexos de fatos da minha consciência. Dilthey chamaria isso de Princípio da fenomenalidade, indicando que o problema da realidade só pode ser resolvido começando pela análise daquilo que é dado para mim em minha consciência. Mas se esse princípio fosse a única linha de orientação da epistemologia, seríamos conduzidos a um fenomenalismo radical por meio do qual a realidade reduz-se a mera aparência para um sujeito puramente cognitivo, em cujas veias "não corre sangue de verdade" (G.S., I, XViii). Essa ausência de sangue verdadeiro no sujeito cognitivo levou Schopenhauer, representante de semelhante fenomenalismo radical, a encontrar um caminho para sair do mundo como mera representação – de volta para a metafísica. Dilthey, em um esforço consciente para superar o paradoxo schopenhaueriano, tentou contrabalançar o Princípio da fenomenalidade por um segundo princípio: os fatos da consciência não podem ser reduzidos a algo como uma esfera de imagens para um mero sujeito observador, desligado de relações com o mundo exterior. Fatos da consciência são também – e acima de tudo – a experiência da dor, prazer, alegria, esperança, medo, satisfação, etc., a começar pela experiência mais elementar da resistência exercida por um mundo exterior sobre os movimentos do meu corpo. Aqui, vivência (*Erlebnis*) é apresentada como categoria epistemológica fundamental, colocada em oposição ao conceito de representação. Assim, o Segundo princípio básico sustenta que os fatos da consciência são dados na "totalidade da vida psíquica" (G.S., XIX, 75) e que o mero apoio epistemológico das ciências humanas deve ser substituído por uma auto-reflexão psicológica e antropológica mais compreensiva. Este poderia ser o papel de uma psicologia puramente descritiva, que por meio de uma análise da vivência em seu conjunto teria que introduzir todas descobertas antropológicas que a história da linguagem da mitologia, da religião e da poesia podem fornecer. Não tem importância se chamamos esse tipo de auto-reflexão de "filosofia de vida", "antropologia do conhecimento" ou "fenomenologia", contanto que nos certifiquemos que não se trata de psicologia no sentido estreito de "psicologismo" (implicando em uma busca nomotética e reducionista de leis psíquicas).

Falando da articulação dos fatos da consciência, Dilthey aponta para o fato de que o conjunto dos fatos da consciência não é um aglomerado inarticulado de relações elementares que uma análise descritiva teria que isolar, mas, pelo contrário, um todo complexo para o qual, em sua

(8) Herbert Spencer, *First Principles* (New York: D. Appleton and Co., 1896), pp. 369-70.

(9) Th. Ribot, *La Psychologie Anglaise Contemporaine* (Paris: 1870), p. 169.

(10) Wilhelm Dilthey, *Gesammelte Schriften* (hereafter GS), vol. XVIII, p. 239.

terminologia posterior, ele adotaria o termo "estrutura". Nesse sentido, "estrutura", juntamente com "nexo", "articulação", "diferenciação", etc., pertence às categorias básicas de um ponto de vista holístico do conjunto dos fatos da consciência enquanto vivência. Mas encontra-se já visível, no sexto capítulo do Esboço de Breslau, um sentido mais estreito de "articulação", e parece valer a pena seguir a linha de pensamento ao longo das teses que conduziram Dilthey, até certo ponto de seu desenvolvimento, a adotar o que ele uma vez chamou de "ponto de vista biológico" para a fundamentação das ciências humanas.

As matérias que constituem aquela seção do Esboço de Breslau incluem um fragmento que foi originalmente intitulado de "A interação entre unidade da vida e mundo exterior, consistindo na transição de impressão a impulso" (G.S., XIX, 415, nota 160)¹¹. Dilthey tenta aqui usar a "articulação do sistema nervoso manifestada exteriormente... como um modelo de orientação para a vida psíquica", enquanto essa articulação torna visível "a relação verdadeira da unidade psicofísica (o indivíduo) com o mundo exterior" (G.S., XIX, 101). Essa relação é uma relação dupla: "Se nós esboçamos o modelo mais simples dessa articulação da vida psíquica nós temos que isolar uma impressão que inclui um sentimento e, por outro lado, um movimento que, na base desse sentimento, refere-se à impressão" (G.S., XIX, 104). Impressão e movimento podem ser também chamados de estímulo e resposta, embora seja importante notar que Dilthey prefere uma terminologia que inclui um momento mediador entre estímulo e resposta: sentimento. Deste modo, interação entre o mundo individual e o exterior, a despeito de sua interação bipartida, toma a forma de um processo tripartido: a impressão evoca um sentimento que, por sua vez, produz um impulso. Não que se possa sempre distinguir claramente entre impressão, sentimento e impulso. O sentimento está "incluído" na impressão e os movimentos ocorrem "na base" dos sentimentos. Aqui nós encontramos a "totalidade da vida psíquica" na sua forma mais elementar. A interação dos processos cognitivo, emotivo e volitivo poderia ser chamada daquele "sangue verdadeiro" que, para Dilthey, estava ausente das veias do sujeito meramente cognitivo, segundo interpretação tanto da epistemologia empirista quanto da racionalista. É a "própria vida".

III

Sempre que encontramos nos escritos de Dilthey as palavras "isto é a própria vida", nós as encontramos conectadas com a idéia de que interação entre o eu e o meio significa em primeiro lugar a interação de impressão e movimento (ou estímulo e resposta). Antes de adotar o termo "estrutura", Dilthey falava às vezes em "esquema antropológico", que significava a interconexão de "sentimento – sensação – impulso – transformação entre movimento – satisfação, etc." (G.S., XVIII, 234, 183 e s.). Ou ele descrevia essa interação como um processo circular ("processo circular da atividade psíquica", "processo circular das funções da vida", etc.) (G.S., XVIII, 182 e s.; XIX, 415). Tais expressões mostram a importância de conectar impressão (estímulo) e movimento (resposta) pelo sentimento como intermediário. Nessa conexão, tentando encontrar seu caminho da antropologia à história, ele usa a palavra "diferenciação de estrutura" (G.S., XVIII, 168), provavelmente pela primeira vez. A influência direta de Spencer/Ribot é visível em suas notas sobre esses autores. O termo "estrutura" é ainda usado lá de modo provisório. Qualquer que tenha sido o desenvolvimento posterior desse conceito, apenas por volta de 1885 "estrutura" torna-se um termo definitivo. Em suas lições sobre psicologia em 1885/86, o termo "estrutura interna da alma" é usado para alterar uma mesma versão da mesma passagem.

A aula sobre "Imaginação poética e insanidade" de 1886 (G.S., VI, 90 e ss.), e sobretudo a *Poética* de 1887 introduzem o conceito novo em larga escala. Eu cito da *Poética*: "Há uma estrutura da vida psíquica que é tão claramente reconhecível como aquela do corpo físico. A vida sempre consiste na interação de um corpo vivo com um mundo exterior que constitui o seu meio. Sensações, percepções e pensamentos têm origem no jogo constante de estímulos externos. Procedem também mudanças no estado afetivo à base de um sentimento geral. Os sentimentos evocam volições e conflitos de desejo e vontade. Volições resultam em ações externas da vontade, entre elas as mais poderosas são aquelas que são contidas em estados corporais – tais como o impulso da autoconservação, a necessidade de alimento, o impulso da reprodução e o amor à prole. Quase tão poderosos são a necessidade de estima e os instintos sociais, que estão contidos na vontade. Outras volições produzem mudanças internas na consciência. A hierarquia do reino animal está baseada nessa estrutura. Nós vemos a forma mais simples e rudimentar de vida onde um estímulo, no qual sentimentos e sensação são indiferenciados, produz movimento em um animal"¹².

(11) Veja também Helmut Johach, "Dilthey's Philosophie des Subjekts und die Grundlegung der Geistes- und Sozialwissenschaften. Zur Aktualität der Einleitung in die Geisteswissenschaften". In *Dilthey-Jahrbuch*. Vol. 2 (1984), pp. 92-127.

(12) Dilthey, *Selected Works*, vol. 5 (Princeton: Princeton University Press, 1985), pp. 96-97.

Na lição de 1886, essa passagem é concluída pelas palavras: “esta interação constante entre o eu e o meio em que nós respiramos, sofremos e agimos: esta é nossa vida” (G.S., V, 95). Em vários contextos, tal como teoria educacional (G.S., V, 95; G.S., IX, 185), ética (G.S., X, 48), epistemologia (G.S., V, 95), teoria de concepções do mundo (G.S., VIII, 16), mesmo em ensaio sobre arquivos literários (G.S., IV, 559) – para não mencionar, naturalmente, as “*Idéias* concernentes a uma psicologia descritiva e analítica” de 1894 (G.S., V, 212) – a mesma idéia é repetida muitas vezes. Que esse conceito não pertence meramente a uma fase “psicologista”, que foi superada pelo enfoque “hermenêutico” de escritos posteriores, é mostrado pelo fato de que o ensaio de 1907, “A essência da filosofia”, repete quase literalmente passagens antigas. Aqui novamente Dilthey resume com as palavras: “Esta é a vida humana” (G.S., V, 373).

IV

“Estrutura” – como nós podemos concluir – significa, em primeiro lugar, que um número de funções que constituem a interação entre o eu e o meio estão ligadas de tal modo que sua coerência manifesta “uma intencionalidade imanente subjetiva do nexos psíquico estrutural que é dado na experiência interna”¹³. Este conceito holístico inclui a idéia de que a vida psíquica é uma unidade compreensiva: “O processo da vida psíquica é, originalmente e acima de tudo, uma unidade desde suas formas mais elementares até as mais elevadas. A vida psíquica não se forma de partes; ela não é composta de elementos; ela não é uma composição, nem é o resultado da colaboração de átomos sensoriais ou afetivos” (*Idéias*, p. 92). Este conceito inclui, além disso, a idéia de que a vida psíquica, sendo uma unidade original, só pode ser desenvolvida por processos de diferenciação. “Dessa unidade”, Dilthey continua a passagem acima citada, “são diferenciadas funções psíquicas, permanecendo, todavia, ligadas a seus nexos. Esse fato, cuja expressão mais elevada é a unidade da consciência e a unidade da pessoa, distingue radicalmente a vida psíquica de todo mundo corpóreo” (*Idéias*, p. 92). Parece difícil ver qualquer diferença da lei de Spencer de progresso quando Dilthey declara: “todo o sistema do mundo animal e humano é apresentado como desenvolvimento dessa estrutura simples, fundamental da vida psíquica, por meio de crescente diferenciação, independência das várias funções e partes, ao mesmo tempo pelo alto nível de combinação destas” (*Idéias*, p. 91).

O Capítulo 8 das *Idéias* é dedicado à idéia de diferenciação, culminando com os conceitos de articulação da vida psíquica e com o de nexos psíquico adquirido, conceitos que não podem ser mais longamente discutidos aqui. Uma questão, cuja resposta foi postergada no início deste trabalho, precisa ser recolocada: Qual é exatamente a intenção de Dilthey ao dizer que a teoria de Spencer da diferenciação colocou a verdadeira relação de cabeça para baixo? O seu próprio conceito básico da totalidade da natureza humana não está baseado na idéia de que a vida (sendo a interação recíproca entre o eu e o meio) é uma unidade estrutural que adquire articulação, força e complexidade por meio de diferenciação constante? Ele não comparou muitas vezes as formas elementares da estrutura psíquica humana àquelas do reino animal?

Uma tentativa de resolver esse problema toca em uma das convicções filosóficas básicas de Dilthey. O procedimento de Spencer, ele diria, era o de generalizar uma hipótese obtida pela observação de organismos vivos. Nós não temos, contudo, acesso imediato ao princípio dominante desses organismos. Isto só seria possível por meio da experiência interna, a única experiência pela qual nós “concebemos” a realidade. O que nos é dado na experiência interna, contudo, é a “própria vida” em sua teleologia imanente, sua unidade estrutural e sua perfectibilidade por meio da diferenciação. Ela é dada por meio da experiência vivida da coerência entre o todo e suas partes em todo ato psíquico. Nós, então, a projetamos por sobre partes do mundo exterior como os organismos vivos. Nós concebemos intencionalidade em nossa vivência e projetamos o conceito de teleologia como um princípio objetivo sobre a natureza. Dilthey alegaria que seu próprio conceito de “estrutura” e “diferenciação” foi obtido apenas por meio da experiência interna imediata da “própria vida” e que ele havia marcado exatamente o ponto para além do qual ele estaria falando hipoteticamente sobre a natureza. Ele sustentaria que nosso nexos de vida, dado como vivência, é o único nexos da realidade ou de um ser real que nós, em geral, podemos retratar e por isso é o esquema para compreendermos qualquer outra entidade viva e real (G.S., XVIII, 164).

Permanecem, todavia, algumas questões pendentes. O ponto principal de Dilthey contra a metafísica foi sempre que os conceitos fundamentais dela, tais como: “essência”, “substância”, “causalidade”, etc. tinham que ser considerados como abstrações das experiências originais (Husserl teria dito: “primordiais”). Ele diria, portanto, que era errado usar tais conceitos como princípios básicos dos quais outros menos importantes, tais como “o eu”, “alma”, “vida” podiam ser derivados. Se há qualquer justificação em chamar seu ponto de vista de “filosofia da vida” é

(13) Dilthey, “Ideas concerning a Descriptive and Analytic Psychology” (daqui para frente usaremos o título abreviado: *Idéias*) trans. Richard M. Zaner, in Dilthey, *Descriptive Psychology and Historical Understanding* (The Hague: Martinus Nijhoff, 1977), p. 91.



Banco de Dados

Wilhelm Dilthey

porque ele não aceitaria uma base mais fundamental de filosofia do que a "própria vida", que se refere à interação viva entre o eu e o meio em suas modificações e diferenciações variadas. Todas nossas categorias são, de acordo com Dilthey, derivações dessa experiência primordial. Elas têm que ser invertidas, isto é, colocadas de pés para baixo (uma frase que nos faz lembrar da crítica de Marx a Hegel): a verdadeira relação é aquela que "o nexa da vida contém em si mesmo as categorias reais. Elas são em primeiro lugar as expressões vivas dele e somente, então, são submetidas a um processo de abstração" (G.S., XIX, 288). Esse foi o ponto principal do seu tratamento "fenomenológico" da metafísica (G.S., I, 400). Foi assim que ele chamou seu enfoque em 1883, comparando-o – no que dizia respeito a sua função no interior de seu sistema – com a "Fenomenologia do espírito" de Hegel (G.S., XIX, 392). Ele estava convencido de que "aquela assim chamada metafísica se dissolverá em nossas mãos num dos ramos daquelas disciplinas que tratam das condições da consciência" (G.S., XIX, 94).

De modo semelhante, a primazia do nexa da vida, sendo nossa vivência mais fundamental, é mantida contra qualquer alternativa de ir "por trás dos traços constitutivos da vida por meio de uma comparação das diferentes formas de vida" (G.S., XIX, 347). Aqui é a biologia que oferece um método de obter mais conhecimento sobre a vida comparando várias formas de vida orgânica. Mas ela – especialmente o "mais moderno naturalismo darwiniano" – transpõe os limites do cognoscível "Pois a vida é dada para mim diretamente só enquanto a minha própria vida. E só a partir desta minha própria vida eu compreendo a vida ao meu redor, as formas humanas e animais. Só de uma maneira secundária e condicional eu intensifico esse conhecimento de minha própria vida comparando-o com outras formas de vida". (ibid.)

Aqui nós chegamos ao ponto crucial concernente à questão de apurar se a crítica de Spencer feita por Dilthey é justificada. São as comparações entre nexa estrutural experimentado em nós mesmos e outras formas de vida consistentes com o princípio metodológico de que nós podemos conhecer essa estrutura de dentro de nós mesmos e somente por isso não podemos "explicá-la" por meio de observações feitas na natureza? Há consistência no fato de que, desde que Dilthey reconheceu estar na estrutura da vida o fundamento da psicologia, ele precisou "ampliar e aprofundar o seu ponto de vista psicológico para o biológico"? (G.S., XIX, 345).

Até certo ponto ele próprio levantou a questão. Sua questão é a seguinte: "vendo o homem dentro de um contexto mais amplo da vida em geral, os aspectos salientes para a descrição do nexa da vida nele ficam em evidência... A extensão do horizonte da vida, diretamente dado para tudo que é orgânico, precisa obter sua justificação pelo acordo entre as descobertas de nossa introspecção e a visão biológica" (G.S., XIX, 346). Quanto mais imparcial e puramente fenomenológica for a introspecção, tanto mais ela implica num elemento de ênfase subjetiva. Isto pode ser controlado ampliando o horizonte descritivo.

Essa solução não é totalmente satisfatória. Permanece a questão de se saber como a introspecção pode ser imparcial se ela é guiada (conscientemente e inconscientemente) por conceitos que foram desenvolvidos por meio de investigações científicas fora da psicologia. Por outro lado, Dilthey poderia alegar que ele focalizou seu interesse no fenômeno da "própria vida" antes de ele deparar com a lei de von Baer e Spencer. Ele não usaria essa fórmula para qualquer explicação, mas para ampliar o horizonte dentro do qual ele poderia descrever a vida como ela é dada tanto à introspecção como às investigações comparadas. Ele não quis ir "por trás dos traços constitutivos da vida", mas partindo deles buscou uma comparação de formas diferentes. Se ele, contudo, reduz a vida a suas formas mais elementares, "onde um estímulo, em que sentimento e sensação são indiferenciados, produz movimento em um animal" (S.W., 5, p. 97), ele faz uso de um modelo básico que é uma hipótese explicativa pelo menos para aqueles organismos primitivos que se encontram totalmente fora da esfera da nossa experiência viva. E, começando por aqui, poderia ser também uma hipótese explicativa, aplicada à estrutura humana do nexa da vida. Isto precisa ser deixado em aberto, como permanece também uma questão aberta se a estrutura enquanto tal é dada na experiência viva.

V

A versão naturalista do conceito de Dilthey de "estrutura" nunca ganhou muitos adeptos, nem entre seus discípulos diretos tais como: G. Misch, H. Nohl e Ed. Spranger, nem entre aqueles representantes da geração mais nova que proporcionou interpretações significativas de sua filosofia entre as duas Guerras Mundiais (L. Landgrebe e O.F. Bollnow). Nohl mostrou-se crítico no que concerne às implicações naturalistas do conceito de Dilthey de "estrutura", colocado em evidência em sua teoria educacional de meados dos anos 80: "É altamente questionável se se pode manter esse mero pensamento de uma tal teleologia formal e universalmente válida. Sua

pressuposição, isto é, o nexu psíquico reagindo a estímulos externos, é de origem naturalista. Ela não leva em conta a questão de se somos capazes de nos propor objetivos e de agir criativamente. Acima de tudo: o critério de perfeição de funções psíquicas apresentado nesse tratado é o da satisfação subjetiva, o qual é inconsistente com as intenções fundamentais de Dilthey¹⁴.

Landgrebe, em sua dissertação (é um fato significativo da atmosfera do final dos anos 20 que Husserl tenha escolhido Dilthey como tema de dissertação de um de seus discípulos mais próximos), discute o problema do "biologismo" nas *Idéias* de Dilthey e chega à conclusão de que esse texto não dá uma resposta satisfatória de como historicidade e auto-reflexão fazem parte dessa teleologia imanente do nexu psíquico¹⁵.

Eduard Spranger, o mais próximo discípulo de Dilthey no campo da psicologia estrutural, fez uma rígida distinção entre estrutura biológica do organismo cuja "teleologia imanente" é centrada no valor da autopreservação e da satisfação, e a estrutura da vida psíquica mais elevada que participa de sistemas intersubjetivos de valor: "Dilthey chamou a psique de sistema intencional ou estrutura teleológica. Ele estava disposto a falar sobre a teleologia imanente, isto é, a atribuir ao nexu psíquico uma estrutura cuja função era indicar ao indivíduo aquilo que fosse valioso e não valioso por meio de um tipo de regulador emocional. Mas o problema não é tão simples como o conceito de Dilthey de estrutura pode sugerir. Se a psique individual não fosse nada mais do que tal teleologia imanente, poder-se-ia concebê-la como meramente biológica, isto é, todos seus atos e experiências seriam regulados pelo supremo valor e fim da autoconservação"¹⁶.

Felix Krueger, que entre as duas Guerras tentou estabelecer uma psicologia estrutural independentemente da escola de Dilthey, escreve: "tal pensador rigoroso, intérprete nato de fenômenos naturais, como Dilthey era, dificilmente teria aceitado essas inconsistências (de sua teoria estrutural) se seu pensamento psicológico como um todo não tivesse sido baseado em aspectos tomados por ele das ciências naturais de seu tempo como verdadeiros. Toda sua teoria estrutural é caracterizada por essa estranha dependência heterogênea. É tempo de enfatizar que como protótipo de 'estrutura', mesmo do conceito de 'nexu' vivo, ele tinha em mente o organismo"¹⁷.

Há muita verdade em todas essas críticas – especialmente no que diz respeito à importância das normas para a teoria educacional, que poderia ser examinada detalhadamente como no livro de Ulrich Herrmann sobre a pedagogia de Dilthey¹⁸. Não se deveria esquecer, contudo, que o próprio Dilthey se mostrava crítico a respeito de seu enfoque que aparentemente o aproximou da biologia. Ele certamente não teria aceitado a idéia de que o organismo era seu protótipo de estrutura. Especialmente, em seus trabalhos posteriores, ele permitiria somente "vagas analogias" entre o organismo e o nexu psíquico. Ele insistiria que sua tentativa de ver o homem "dentro do contexto mais amplo da vida em geral" (G.S., XIX, 346) somente trazia à tona alguns daqueles aspectos marcantes que a introspecção já havia compreendido. Especialmente o papel dos sentimentos dentro do nexu psíquico adquirido e sua função mediadora entre impressão e movimento nunca poderia ser estudada na natureza.

Tendo em vista essas modificações, Georg Misch mencionou dois aspectos do conceito de Dilthey de estrutura: "O aspecto biológico está preso às funções orgânicas da vida, – traço esse que desaparece assim que esse conceito responde por uma estrutura significativa de relações qualitativas, ou uma estrutura de transições entre partes qualitativamente diferentes, compondo a articulação de um todo e sendo dada em uma vivência significativa."¹⁹ Neste último sentido, o ponto de vista estrutural de Dilthey era comum ao de seus discípulos, mesmo que eles o criticassem por suas tendências "biológicas". Mesmo na Rússia, para onde as idéias dos "fisiologistas alemães" se deslocaram no começo do século XIX e de onde um novo movimento estruturalista emergiu depois da Primeira Guerra Mundial, as idéias de Dilthey (incluindo o conceito de estrutura) foram discutidas muito mais intensamente do que, em geral, se tinha conhecimento. Uma ligação direta foi agora estabelecida entre Dilthey, a fenomenologia russa em seus primórdios e o Círculo Lingüístico de Moscou: descobriu-se por meio de pesquisa recente que Gustav G. Spet, quem trouxe as idéias de Husserl para a Rússia, foi um teórico da hermenêutica bem-informado e uma possível fonte de informação sobre o ponto de vista "estrutural" de Dilthey. O Manuscrito de Spet sobre "Hermenêutica e seus problemas" (1918), ainda não publicado, revela um conhecimento surpreendentemente detalhado das tendências da filosofia alemã anterior à Guerra e da teoria das ciências humanas²⁰. Seus outros trabalhos²¹ incluem um ensaio sobre "Um caminho para a psicologia e onde ele leva" (1912), no qual as *Idéias* de Dilthey são tomadas como base para uma nova psicologia descritiva. No ensaio sobre "Objeto e tarefa da psicologia etnológica" (1917), ele se refere novamente à psicologia de Dilthey e salienta a necessidade de "métodos de construções tipológicas e estruturais". Finalmente, o tratado sobre "Hermenêutica" trata detalhadamente de Dilthey, mencionando sua concentração em "tipos e estruturas" e seu interesse pelo "contexto estrutural do indivíduo".

(14) Herman Nohl, *Die pädagogische Bewegung in Deutschland und ihre Theorie* (Frankfurt a. M., 1970, p. 113).

(15) Ludwig Landgrebe, *Wilhelm Diltheys Theorie der Geisteswissenschaften. Analyse ihrer Grundbegriffe* (Halle, 1928), pp. 20 ff.

(16) Eduard Spranger, *Lebensformen. Geisteswissenschaftliche Psychologie und Ethik der Persönlichkeit* (Halle: Niemeyer, 1921) pp. 13 f.

(17) Felix Krueger, *Zur Philosophie und Psychologie der Ganzheit. Schriften aus den Jahren 1918-1940* (Berlin: Springer, 1953), p. 72.

(18) Ulrich Herrmann, *Die Pädagogik Wilhelm Diltheys. Ihr wissenschaftstheoretischer Ansatz in Diltheys Theorie der Geisteswissenschaften* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1971), pp. 47 ff.

(19) Georg Misch, "Vorbericht des Herausgebers" (Preface to GS, V), loc. cit., p. xxvi.

(20) Gustav G. Spet, *Hermeneutics and its Problems* (1918). Erika Freiberg-Sheikholeslami traduziu o original russo em inglês e alemão. A edição inglesa, editada por George Kline, será publicada em 1986/87. A edição alemã, editada por Roland Daube-Schackat e Frithjof Rodi com introdução de Alexander Haardt, será também publicada em 1986/87.

(21) As observações que se seguem sobre os trabalhos de Spet provêm da tese de doutoramento de Alexander Haardt, *Husserl in Russland. Studien zur Rezeption der Phänomenologie Edmund Husserls am Beispiel G. Spets "Phänomenologie der verstehenden Vernunft" und A. Losevs "Dialektischer Phänomenologie"*, Münster, 1985.

Essa lista de citações é enganosa se ela cria a impressão de que Spet enfatiza acima de tudo o uso por Dilthey do termo "estrutura". Este não é o caso. Mas o fato de que ele estava bem familiarizado com essa terminologia é importante em dois aspectos: Spet exerceu uma influência considerável sobre os membros do Círculo Lingüístico de Moscou ao qual ele pertenceu desde 1920; seus próprios trabalhos sobre estética incluem uma seção sobre "a estrutura das palavras" onde, de acordo com Alexander Haardt, ele se aproxima de algumas idéias de escritos posteriores de Dilthey. Será difícil, talvez impossível, descobrir como os vários conceitos holísticos da primeira geração de "estruturalistas" convergiram ou pelo menos se influenciaram mutuamente. A pesquisa futura terá de investigar a tradição comum que inclui o neoplatonismo de Shaftesbury, a fisiologia alemã e o spencerianismo, além dos elementos melhor conhecidos do estruturalismo moderno. A contribuição de Dilthey – por menor que ela possa ter sido – terá, então, que ser pesquisada mais detalhadamente.